

20/5/1984

Messias trabalha rápido. E chega a ganhar Cr\$ 100 mil

BAURU-SP — Messias Antoniel Barbosa, de 35 anos, mas que aparenta ter mais de 40, é um dos seis mil trabalhadores bóias-frias que todos os dias, às quatro da manhã, já estão na praça central do município de Pederneiras esperando os caminhões das destilarias de álcool, que os levarão para fazendas, a fim de cortar cana. Messias é experiente no serviço e consegue cortar ate cinco toneladas de cana por dia.

Para executar o serviço, ele recebe quase Cr\$ 100 mil por mês; mas não possui registro em carteira e não tem qualquer assistência da Previdência Social. Messias depende da boa-vontade dos "gatos" (empreiteiras dos usineiros responsáveis pela contratação de bóias-frias) para conseguir serviço diário na roça e ganhar 1.200 cruzeiros por tonelada de cana cortada.

Todos os sábados, a exemplo de outros milhares de companheiros seus, ele recebe um vale semanal do pagamento mensal.

— Esses vales — diz Messias mal dão para a gente pagar as despesas no armazém do bairro, onde se compra comida e para acertar as poucas dívidas com roupas, remédios e outros gastos. Mas a situação hoje está melhor do que a de alguns meses atrás, quando não tínhamos sequer serviço para tirar algum dinheiro para sustentar a família.

DISPENSA

A situação de Messias Antoniel Barbosa não é diferente de outros bóias-frias no Estado de São Paulo que trabalham no setor de corte de cana. Quando chega ao fim a safra, no início de dezembro, todos perdem o emprego e ficam sem trabalho até o final de abril.

—Fim de safra é a pior coisa que existe. Muita gente passa fome. Eu mesmo passei muitas necessidades, juntamente com minha mulher e meus dois filhos —diz Messias.

O Prefeito de Pederneiras, município de 30 mil habitantes, Giacomo Bertolini, do PMDB, afirma que fica "desesperado" quando chega ao fim à safra da cana.

— Em toda a região — observa — só tem cana. Quando o trabalho acaba, a Prefeitura é literalmente invadida por cortadores de cana esfomeados à procura de serviço ou de alimentos. Muitos passam fome e nós temos de dar um jeito, caso contrário a coisa explode.

(Página 7)